

# Governo achou injustas as acusações de Gudin

## Das sucursais

"O professor Eugênio Gudin foi injusto em suas críticas à política econômica do governo e não levou em consideração todos os fatores hoje incidentes sobre os índices inflacionários, num País que é muito mais complexo do que ao tempo em que ele foi ministro da Fazenda, em 1954", afirmou ontem o porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila. Ao contrário do que disse Gudin, frisou o assessor presidencial, que o governo tem prioridades bem claras, mas elas às vezes são conflitantes por natureza, como o combate à inflação e a necessidade de gerar 1,5 milhão de empregos anuais, paralelamente a investimentos de vulto e sem retorno imediato, como Itaipu, Tucuruí e as usinas nucleares.

O goerno não se tem descuidado de conter seus gastos, e esse é um propósito que tem sido perseguido pelo presidente Figueiredo e continuará como prioridade, afirmou Átila, frisando que baixar a inflação drasticamente seria possível, mas isso provocaria milhões de desempregados, e esse custo social o governo não deseja. Para Átila, o professor Gudin deve ter esquecido esse aspecto em suas críticas, bem como a complexidade do Brasil atual em relação ao seu tempo de ministro, os problemas do protecionismo internacional dificultando a ampliação das exportações, a inflação importada e a baixa nos preços das nossas matérias primas.

## **CONJUNTO DE FATORES**

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, e o ministro interino do Planejamento, José Flávio Pécora, contestaram ontem as declarações do professor e ex-ministro da Fazenda, Eugênio Gudin, para quem a inflação brasileira decorre da incapacidade do governo de organizar os seus orçamentos e definir suas prioridades.

"O orçamento de dispêndios do governo como um todo", disse Ernane Galvêas, "é superavitário, só havendo déficit no orçamento das empresas estatais, pois elas são obrigadas a executar grandes projetos com uma defasagem entre as necessidades financeiras dos programas e suas disponibilidades próprias de recursos".

Para o ministro interino do Planejamento, Flávio Pécora, os gastos do governo representam apenas uma das causas da inflação, pois o processo inflacionário que o País atravessa decorre de um conjunto de fatores que não podem ser reduzidos a um só. "Se fosse possível reduzir a inflação a uma única causa, seria muito simples combatê-la, pois bastava eliminar essa causa. Na verdade, a inflação resulta de uma série de fatores, inclusive fatores exógenos", disse Flávio Pécora.

## **PONTOS COMUNS**

As críticas ao desperdício das empresas estatais, "algumas com despesas financeiras superiores ao faturamento", constituem um dos pontos comuns entre as posições sustentadas pelo ex-ministro da Fazenda do governo Café Filho, Eugênio Gudin, e o presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antonio de Oliveira Santos.

Mas o afastamento de todo o Ministério, inclusive do presidente Figueiredo, defendido por Gudin, não encontrou acolhida por parte do presidente da CNC, apesar do respeito e admiração pelas idéias do ex-ministro e pioneiro da instalação do ensino de economia no País.

## **LIMITES CRÍTICOS**

O ex-governador do Rio Grande do Sul e atual candidato do PDT ao governo do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, disse que "o professor Eugênio Gudin despertou com grande atraso, uma vez que a Nação vem clamando contra o atual modelo econômico, que não nos poderia levar senão à situação atual". Brizola crê que o País esta-se aproximando de limites críticos. E admite que os responsáveis por tal situação devem dar lugar a outros.

No entanto, o líder do PDT (em exercício) na Câmara dos Deputados e candidato ao Senado pelo Rio Grande do Sul, Getúlio Dias, não concorda com a tese do professor Gudin, de afastamento do presidente Figueiredo e dos seus ministros por "homens de maior envergadura". Para Getúlio Dias, não se trata de substituir homens, nem de trocar um general por outro, pois "o problema do Brasil é o da marginalização da sociedade e da não-alternância no poder".